

237

REALISMO E IDEALISMO NO "TRACTATUS" DE WITTGENSTEIN. *Gustavo Neves Coelho, Silvia Altmann (orient.) (UFRGS).*

O *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein foi interpretado, por alguns estudiosos, como uma obra realista e, por outros, como uma obra idealista. Os defensores da interpretação realista apoiaram-se, sobretudo, no aforismo 4.0312 ("A possibilidade da proposição repousa sobre o princípio da substituição de objetos por sinais"), afirmando que Wittgenstein está, no *Tractatus*, por defender uma semântica realista, fazendo uma passagem da linguagem para o mundo. Já os defensores da interpretação idealista basearam-se no aforismo 3.3, onde é apresentado o Princípio do Contexto de Frege, para sustentar que Wittgenstein não está dizendo como as coisas são, i.e., o fundamento da linguagem não é o mundo, mas apenas se utilizando de um mito que ele próprio condena para esclarecer a natureza da linguagem. Assim, o objetivo da pesquisa é o de investigar essas duas correntes opostas de interpretação que o *Tractatus* tornou possível, visando elucidar quais são os comprometimentos de cada uma delas e determinar em que medida se pode aproximá-las, o que parece se impor se levarmos em consideração a pretensão de Wittgenstein de ter encontrado o ponto de convergência de realismo, idealismo e solipsismo. O ponto de partida da pesquisa será o estudo dos artigos *The So-called realism of Wittgenstein's Tractatus*, de Brian McGuinness, e *Use and Reference of Names*, de Hidé Ishiguro, ambos defensores da interpretação idealista, e do livro *The False Prison*, de David Pears, onde o autor defende a leitura realista da obra argumentando contra McGuinness e Ishiguro. (CNPq).